



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco; G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*Um livro posthumo de Victor Hugo*, por Pinheiro Chagas;—*Depois do baile*, soneto, por Alberto Osorio de Castro;—*Eglantine*, conto, por Duarte Cid;—*A Allemanha e a Baviera*, por D. Guiomar Torrezão;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (passatemplos)*;—*Um conselho por semana*;—*A rir*;—*Palestras theatraes*, por Alfredo Oscar May;—*A Cequinha*, conto, por J. Maria da Costa.

GRAVURAS: *Felix Pyat*—*Napoleone Vellani*.—*Segredo*, valsa.—*Spurio Cassio accusado pelo pater de o tribunal romano*—*Castello d'Eu*.

CHRONICA

Meu caro Santilhana.

Devo-lhe, e devo-me, explicações, desde que o meu bom amigo, n'esta mesma pagina, me accusou de não tomar profundamente a serio a catastrophe que ha tempos enlutou a segunda cidade d'estes reinos.

Partida a accusação de um dos espiritos mais correctos, de cujo tracto me prezo, e diluida, de resto, em amabilidades que eu me sinto vinte leguas áquem de merecer, não era ella de molde a magoar-me, bom é que o diga. Filha, porém, de uma observação menos profunda que desposava apaixonadamente uma affecção de senti-



FELIX PYAT

mentalidade, presta-se a sua phrase, meu caro Santilhana, a que eu defenda em publico a honra dos meus nervos.

Não me accuse, peço-lhe, de intimamente e demasiadamente folgazão, pelo facto incontestavel mas frivolo de serem os meus olhos um tanto ou quanto reflectarios ao luxo de chorar. Nem sempre os olhos deixam de ser pequenos para o exgote da alma. E depois, meu amigo, as lagrimas evaporam-se de uma maneira tão completa, que nem mesmo por excepção deixam crystaes em deposito na extremidade dos cilios.

Eu não direi que o pranto apenas sirva para occultar a dôr; digo sómente que a alma é muito mais inviolavel em virtude da sua propria essencia, do que em virtude do codigo o domicilio do cidadão.

Viva Deus! Na minha eterna alegria exterior ha, pelo menos, o evangelismo de dispensar ao proximo a pequenina parte que lhe devem caber nas minhas magoas. E eu tenho-as.

De mais, a impressão produzida sobre cada um de nós, pelos desastres que nos não attingem de uma maneira directa, cresce, é verdade, e muito, com a superficie que esses desastres abrangem, mas decresce tambem muitissimo com a distancia a que se dão. Está n'isto uma lei pratica que em nada offende o regimento social, e que, cumprida sempre, nem sempre é francamente proclamada.

Um desgraçado que nos caia aos pés, morto de frio, inspira-nos decerto um dó profundo; o que não evita que ninguem já hoje se apoquento pelo grande numero de victimas que deve ter feito a neve que choveu ha cem annos.

Se, referindo-me ao incendio do theatro portuense, quinze dias depois do facto, não prosegui na lamuria official, tambem é certo que me não ri da catastrophe, nem contestei sequer a importancia desgraçadamente enorme que ella tinha.

Tratei apenas sem exaggeros de affecto a alluvião de commissões e bandos que nos asaltou, sem que por isso eu tenha a pretensão de me julgar deslocado em meio d'este magote de pandegos e de dentistas que, ha não sei bem quantos seculos, explora a seiva uberrina do nosso bom planeta. E a culpa é do planeta, que anda flanando ao sol, em vez de n'elle se precipitar, conosco, para eterna decencia do Universo.

Creia n'isto, meu caro Santilhana: O amor n'este mundo seria alguma cousa, se não houvesse na terra carneiro com batatas.

A politica, a proposito do Baquet, explorou a caridade. Dias depois explorou o talento, na pessoa de Pinheiro Chagas, convidando-o para um jantar em que os brindes foram de tal maneira alterados que, antes do cumprimento devido á esposa do jornalista illustre, foi com ardor saudada a união phylarmonica de um partido.

Queixou-se d'isto o meu amigo na sua ultima chronica. Pois quer-me parecer que ha muita analogia entre este facto e o outro. N'um caso, as victimas do fogo, no outro, a victima do Porto, todas foram devidamente sugadas, todas pagaram o seu tributo á confraria de S. Bento, que aos talismans da sua mais intima devoção, hoje accrescenta um phosphoro e um bruto.

Emfim, deixemos isto. Antes, meu caro, venha ler commigo as impressões de viagem da nossa amiga commum, D. Guiomar Torrezão, um bello espirito de mulher, cheio de talento e, seja dito de passagem, cheio tambem de amabilidade para com este seu creado.

Ha n'esse livro, ao menos para mim, que me não tenho dilatado muito em excursões fóra de portas, além de todo o encanto que a delicada exposiçã da illustre

escriptora lhe imprimiu, o interesse que me desperta a vida parisiense.

Apraz-me deliciosamente a affirmacão de que não é Lisboa a ultima expressã da elegancia e do bom tom, de que a Avenida, com as seis ou sete equipagens que diariamente a atravessam, é de uma pobreza phantastica, de que não ha «sport» nem sociedade, nem espirito, de que vivemos em plena Hottentotia!

Isto, pelo amor que me é dado consagrar á civilizaçã europea. Acreditar que Lisboa seja realmente uma capital do velho mundo, equivale a desterrar a Europa para os sertões africanos.

Ora, no livro cuja leitura eu estou fazendo lenta e voluptuosamente, adquire-se, atravez da observacão profunda com que está escripto, a certeza de que em Paris ha sangue, ha movimento, ha vida.

A sr.^a D. Guiomar, que confessa pela capital franceza um verdadeiro culto e que ali teve o acolhimento mais amavel, descreve os parisienses de uma maneira bem diversa d'aquella por que madame de Rute fallou dos portuguezes. A nossa intelligente compatriota não pagou, é verdade, na mesma moeda, mas é provavel tambem que lá não tenha encontrado da mesma fazenda.

A illustre e corajosa portugueza arrostou confiadamente aquelle oceano de talento, e não se amesquinhou por isso. Fallou-lhes largamente de litteratura, e os litteratos francezes, por maiores diligencias que fizessem, nunca passavam de Camões. E não ignoram Camões, pela rasão do tricentenario lhes haver dado com os Lusíadas na cara.

Confessam-se «d'une ignorance affreuse» aquelles monstros! A nossa compatriota, apanhando-os um dia em flagrante desconhecimento de Alexandre Herculano, perguntou-lhes:

—E que dirieis, meus snhores, se eu ignorasse a existencia de Thiers?

Concluindo a palestra, que vae longa, peço-lhe, avel Santilhana, que, se escrever a respeito do rei Oscar, não seja para com elle demasiadamente prodigo de assucar.

O rei da Suecia pode ser grande e respeitavel por um milhão de motivos, mas terá sempre, entre os factos notaveis da sua vida, a pecha imperdoavel de ter vindo a Portugal sem dar sequer um feriadosinho aos estudantes.

Um monarcha que assim procede fica de certo modo inferior ao presidente Carnot, que nunca passa, em França, por escola alguma, sem pôr em gaudio a rapaziada.

O entusiasmo ardente dos vint's annos, ao tempo que Sua Magestade Oscar da Suecia se andar extasiando perante as preciosas coisas portuguezas, a alma bohemia dos estudantes, a que não tem politica, a que morre d'amor por toda a gente e, sobretudo, pelo real pagode, a bôa alma emfim dos meus collegas não poderá portanto cumprimentar o rei.

Mas não importa. Os vivas cortezãos hão-de ser poucos! Nós veremos se a alegria palaciana será capaz de imitar, ao menos em sinceridade, a alegria com que eu me empenho a dar vivas á Christina, desde que a Christina mande fechar durante algumas horas a porta da Polytechnica.

E nas escolas portuguezas ha-de fallar-se eternamente da Suecia como de um paiz em meio de cujo brasão campeia isoladamente um bacalhau medonho.

Disponha, meu caro amigo, de

UM LIVRO POSTHUMO DE VICTOR HUGO

Não nos occupemos unicamente dos livros portuguezes. Appareceu agora em França uma obra que merece toda a nossa attenção, porque põe em relevo a personalidade mais notavel que a França teve n'este seculo, e de certo a personalidade franceza que maior interesse despertou em todo o mundo. Referimo-nos a Victor Hugo, de quem se pode dizer que foi mais cidadão do mundo do que cidadão da sua patria.

Os herdeiros do grande poeta estão tratando de sacudir as gavetas de Victor Hugo para publicarem as obras que elle entendera não dever dar á publicidade. Não é feliz essa tentativa. O illustre poeta sabia perfeitamente o que fazia, quando conservava ineditos versos que fizera ao mesmo tempo que as mais notaveis poesias das suas gloriosas compilações. Para organizar estes livros escolhia, e escolhia com acerto. Publicar agora o que elle pozera de parte, não é de certo um grande acerto; por isso morrem n'um esquecimento immediato versos a que faltou a lima suprema do mestre, e que são ou as obras menos felizes do seu periodo aureo, ou as producções acanhadas relativamente do seu espirito quando para elle soou, como soa para todos, a hora da decadencia.

Não se pode comtudo dizer o mesmo da obra que saio agora á luz, e que se intitula *Coisas vistas*. Essa, é interessantissima. Victor Hugo ia registando n'um livro de lembranças as impressões que lhe produziam os acontecimentos a que assistia.

Eram meros apontamentos, que naturalmente lhe serviam depois para sobre elles construir algumas das suas obras capitales. Mas esses esboços, desenhados ao correr da penna, sem intuitos de publicidade, feitos por isso mesmo sem aspirações ao effeito, singelamente, espontaneamente, dão-nos um Victor Hugo muito differente, na politica por exemplo, d'aquelle declamador que atrou a Europa nos ultimos trinta annos da sua vida com as explosões artificiaes dos seus sentimentos, que só miravam a deslumbrar os leitores, e a angariar uma popularidade de maus quilates.

Folheemos rapidamente esse livro interessantissimo. E' curioso que o primeiro e o ultimo capitulo das *Choses vues* são os unicos onde se acha o amor pelas antitheses, que caracterisava o poeta. Esses é que pareciam destinados á publicidade. Nos outros admira-se sobretudo o talento colossal com que elle sabe fixar no papel, ao correr da penna ou ao cerrer do lapis, as impressões que recebe dos espectaculos que presenciona. Um dos mais notaveis é de certo o que tem por assumpto os *Funeraes de Napoleão*. Coisa notavel! esse grande demagogo não encontra censuras na sua penna senão para a mesquinhez da cerimonia devida á economia dos organisadores. Se elle fallasse para o seu publico de 1880, como elle trovejaria contra o dispendio do dinheiro do povo em vãs ceremonias, que não eram senão a apothose de um despota. Escrevendo como sente, o que elle lamenta é que sejam de gesso as estatuas que elle quereria de bronze, de cobre os ornamentos que elle quereria de ouro macisso.

Lendo-se os artigos intitulados *A morte do duque de Orléans*, *Luiz Philippe*, *Attentado de Lecomte*, *Attentado de Joseph Henri*, *Morte de Madame Adelaide*, descobre-se com surpresa que o homem que todos tomavam por um republicano vermelho, era, no fundo do coração, um verdadeiro socialista. Como elle nos conta as suas conversações intimas com Luiz Philippe! como elle nos falla com toda a complacencia no seu paria, no julgamento dos regicidas, e do duque de Praslin, e de Teste e de Cubières, em que elle tomou parte! Ha até uma nota curiosa n'um artigo a respeito da sua entrada na Assembléa Nacional de que foi membro. «Encontrei alli, diz elle, muitos continuos da camara dos pares. Um d'elles olha muito tempo para mim com ar melancolico.»

Está a gente a adivinhar que tanto o continuo como elle tinham muitas saudades da camara fidalga, onde um se sentára com os seus arminhos, e onde o outro circulára com a farda da sua do mesticidade parlamentar.

Outra observação curiosa é a que resulta da comparação dos seus artigos *O rei Luiz Philippe*, *Morte de madame Adelaide*, com o artigo a *Fuga de Luiz Philippe*. Não se pode dizer que este seja verdadeiramente hostile, mas ja não respira a afeição que se nota nos outros. No artigo *Madame Adelaide*, por exemplo, conta com toda a complacencia:

«O rei recebeu a camara dos pares na sala do throno; estava todo vestido de preto, sem condecorações, e chorava. O sr. duque de Nemours, o sr. de Joinville e o sr. de Montpensier estavam de preto, sem commendas e sem grã-cruzes, como o rei, a rainha, a sr.^a duqueza de Orléans, e as sr.^{as} de Joinville e de Montpensier de lucto pesado.

«O rei approximou se de mim e disse-me: «Agradeço ao sr. Victor Hugo; vem sempre ter comigo nas occasiões tristes.»—E as lagrimas cortaram-lhe a palavra.»

Passava-se isto em dezembro de 1847.

Veio a revolução em fevereiro de 1848. E Victor Hugo conta:

«O rei repetia: As minhas chaves! as minhas chaves!

«Emfim encontraram-se as chaves e trouxeram-lhas. Fechou com ellas uma pista que metteu debaixo do braço, e outra muito mais volumosa de que se encarregou um criado. Tinha uma especie de agitação febril. Tudo se apressava em torno d'elle. Ouvia-se os principes e os lacaios dizerem: Depressa! depressa! só a rainha se mostrava vagarosa e altiva»

Isto contava Victor Hugo porque lh'o contaram. N'essa occasião tris'te não fôra Victor Hugo ter com Luiz Philippe.

Contando uma festa esplendida que n'esse mesmo anno de 1847 se deu em casa do duque de Montpensier e a que Victor Hugo assistio, escreve o grande poeta:

«Todos os que chegavam contavam as suas aventuras. Luiz Boulanger (*pai do general Boulanger*) e Achard tinham sido apupados; escarrára-se para dentro da carruagem de Tony Johannot; atirára se com lama e poeira para o caleche do general Narvaez. Theophilo Gautier, tão sereno e tão impassivel, tão turco na sua tranquillidade, estava pensativo e sombrio.

Parecia comtudo que esta festa de fadas nada tinha de impolitico e nada podia ter de impopular; pelo contrario.

O duque de Montpensier, gastando duzentos mil francos, fez com que se gastasse um milhão. Ahi temos pois, n'esse instante de miseria, um milhão e duzentos mil francos que circulam em proveito do povo; devia estar contente. Pois não estava. O luxo é uma grande necessidade dos grandes estados e das grandes civilizações; comtudo ha momentos em que é necessario que o povo o não veja.

«Mas o que é um luxo que se não vê?

Problema. Uma magnificencia na sombra, uma profusão na tréva, um esplendor que não molesta os olhos de ninguem, é possivel? Peis é necessario pensar-se n'isso. Quando se mostra o luxo ao povo em dias de fome e de desgraça, o seu espirito, que é um espirito de creança, salta immediatamente uma immensidade de degraus; não diz consigo que esse luxo o faz viver, que esse luxo lhe é util, que esse luxo lhe é necessario; diz consigo que padeca e que essa gente gosa; pergunta a si mesmo porque é que tudo isso não é d'elle, examina essas coisas todas, não com a sua pobreza, que precisa do trabalho e por conseguinte precisa dos ricos, mas com a sua inveja. Não imaginem que conclua d'alli:

Pois muito bem! isto vai-me dar salarios de semanas e bons jornaes.

Não! elle o que quer tambem, não é trabalho, não é o salario; é a ociosidade, é o prazer, são as carruagens, os cavallos, os lacaios, as duquesas. Não é pão que elle quer, é luxo. Estende a mão fremente para todas essas realidades esplendorosas, que não seriam já senão sombras, se n'ellas tocasse. No dia em que a miseria de todos se apodera da riqueza de alguns, cae a noite, e ja não ha nada, nada para ninguem.

Isto está cheio de perigos. Quando a multidão encara os ricos com esses olhos, não são pensamentos que ha em todos os cerebros, são acontecimentos.»

Quem diria que o homem que escreveu isto em 1847, seria o radical que em 1871 applaudio todas as reivindicações socialistas!

PINHEIRO CHAGAS.

DEPOIS DO BAILE

A pallida senhora,
O encanto dos salões,
Aos pés de um Christo chora
As suas illusões!

E' loira como a aurora,
E o olhar azul e serio
Ennubla-o o mysterio
De uma intima *dolora*...

Ha pouco ella dizia: ...
—São roseas d'alegria
As minhas illusões!

E no entretanto chora,
Voltando dos salões,
A pallida senhora!...

ALBERT O'RORIO DE CASTRO.

(Das «Verbenas»).

ÉGLANTINE

Depois do jantar, que um magnifico prato de trutas do Adriatico e espargos tornára delicioso, os dois amigos, um pouco incendiados pelas copiosas libações de Château Iquem e Champagne, tinham puxado as poltronas para junto da ampla janella, aberta sobre o boulevard, e conversavam animadamente ao fresco ineffavel da tepida viração, por entre baforadas de charuto, que se desfaziam ali perto, no grande espaço pulverizado de luar.

Estava uma noite formosissima, amena, transparente, noite de idyllios eroticos na frescura aromatizada das alamedas umbrosas. Lá em cima, no purissimo anil do firmamento, tapisado de estrellas, fluctuava o astro nocturno, banhando de luz branca e suave a cidade babilonica, que aquella hora, vista assim de longe em toda a plenitude do seu ambito enormissimo, offerencia o surpreendente effeito de uma decoração feerica.

—Decididamente, meu velho, dizia de Moissac, o olhar absorto perdido na linha prateada do Sena, decididamente vou divorciar-me de Pariz.

—Persistes então n'esse louco proposito?

—Ah! não chames loucura á talvez primeira idéa sensata que o meu cerebro tem produzido!... Se a mudança d'ares e de vida é um grande remedio para as enfermidades do espirito, eu não posso esquivar-me a esse agente therapeutico que a mim mesmo prescrevi e onde encontrarei talvez a seiva perdida em dezoito annos de bohemia tumultuosa e depravada. Um dia d'estes preparo a minha mala de *touriste* e parto para um mundo desconhecido, em cata de commoções novas que, ressuscitando a minha sensibilidade embotada, hão-de operar uma transformação salutar no meu velho e derrancado espirito, preso ás garras mortíferas do mais estúpido de todos os *spleens*!...

Visitarei a Belgica, a Hollanda, a Suissa, a Italia, a Hespanha, e se esta longa peregrinação me não bastar, irei á America, essa grandiosa retorta onde se fundem os palpitanes, os assombrosos acontecimentos que vão alarmar o mundo inteiro! Oh! tentadora America!... Como tu me fascinas com o brilhante prestigio das tuas florestas primitivas, do teu tabaco sem rival, dos teus bons *yankees*, das tuas redes somnolentas, movidas por mestiças voluptuosas em noutes de lua, ao brando ciclar da brisa tropical impregnada das olorosas essencias da baunilha e dos coqueiros!...

E vé lá tu, meu velho, como a simples lembrança das minhas novas aventuras me dispõe para o devaneio!... Por este andar serei um dia poeta!

—Acredito piamente, porque comesas a ser idiota ao ponto de esqueceres o teu entusiasmo idolatra quando em outro tempo proclamavas Pariz a oitava maravilha do mundo!

—E' que hoje conheço como os meus cabellos essa *cocotte* provocadora que me custou todo o meu patrimonio, desbaratado em loucas prodigalidades. Oh! eu gozei-a impetuosa, delirantemente, sem nunca retroceder! Tambem nada me escapou n'essa vasta galeria em que figuram os Campos Elyseos, o *bois*, o Salon, o circulo de patinagem, o tiro aos pombos e Chantilly, o café Riche, os cafés-concertos, a grande opera, os *ateliers* e os bastidores, os gabinetes banaes das peccadoras de alto cothurno e as modestas trapeiras das *grisettes* de Batignolles, os *five-o'clock* do boulevard de Saint Germain, as festivas de Bougival, as caçadas em Auteuil e Meudon, os jantares em Luremes e Ville-d'Avray, e... que sei eu!... Tive phantasias idiotas e excentricidades de verdadeiro escocoz; quantas vezes troquei os melodramas classicos do theatro francez, pelas exhibições choreographicas da Reine-Blanche, obrigadas a libações copiosas de bocks e maza-grans!... Hoje... não sei!... Parece que tudo me obriga a deixar esse medonho torvelinho que envolveu toda a minha mocidade!...

Isto afinal é muito estúpido!... Sempre os mesmos successos sem a discrepância de uma virgula, sempre as mesmas creaturas de confeição que se adivinham... que se sabem de cór...

De Moissac calou se, como se as suas ultimas palavras acabassem de lhe suggerir uma recordação qualquer.

E depois de breve pausa, continuou:

—Houve apenas uma...

—Ah! tems uma excepção, atalhou Fabianno, sorrindo.

—Sim, Eglantine!... Um nome encantador e uma creatura singular!...

—E como foi isso?

—E' uma historia curiosa, cujo character um tanto inverosimil te fará sorrir; garanto-te porém a sua authenticidade. Eil-a. E de Moissac, accendendo um novo charuto, começou:

—Foi no inverno de 1882. Certa noite vagueava eu pelos boulevards, boiando na passividade indecisa do *mirone* que não tem para onde ir e não sabe que fazer.

O acaso deparou-me o Dalville, a quem me atrelei *in conti-nenti*.

«—Então, que fazes?...

«—Aborreço-me, como vés...

«—Olha, disse-me elle, acompanha-me a casa de madame Montelet, para onde me dirijo. Faço a tua apresentação e passas magnificamente um bocado de noite.

«—Mas quem é essa madame Montelet?...

«—Uma estrella de *primo cartello*!... Cabellos, olhos, boca, plastica, tudo arrebatador e da mais pura agual... Uma estampa, meu querido, positivamente uma estampa...

«—Casada... solteira?!

«—*Chi lo sa?*!... A bisbilhotice indigena ainda não conseguiu correr o véo que encobre o passado d'aquella esphinge vinda não se sabe d'onde! O que pode considerar-se materia discutida é que tem um amante e reúne todas as quintas feiras uma sociedade pintalgada, *sui generis*, recheada de creaturas appetitosas e, o que é divino, extraordinariamente accessiveis!... Anda, vem d'ahi. Asseguro-te que não terás occasião de te arrepender.

D'ali a meia hora entrava no salão de madame de Montelet.

Ah! meu caro Fabianno, confesso te que apezar dos meus vinte annos de bohemia galante, nunca se me deparou espectáculo mais curioso do que aquelle. Era nada m nos que um espantoso quadro de impudencia e sensualismo, especie de arremedo das antigas bachanaes eroticas da Roma devassa e pagã!... As mulheres não envergavam a gaze transparente das Chloés e das Glyceres, mas trajavam consoante o rigor classico da moda actual, em extremo decotadas, expondo á avidez concupiscente dos olhares masculos o arminho aveludado e lacteo da sua carnção appetitosa e fremente; não empunhavam as aureas taças do capitoso phalerno, mas tinham labaredas de champagne nas veias e grandes olhos escuros accésos em volupia!

Furtavam-se beijos, trocavam-se gestos equivoccos, proferiam-se segredinhos por detraz dos grupos ruidosos onde se abocanhava o proximo em linguagem livre; multiplicavam-se as *steple chases* em que ellas, fazendo de nymphas, simulavam evitar as perseguições d'aquelles satyros modernos de casaca e gravata branca, e no momento da victoria, que sempre pertencia a estes, entrelaçavam-se os corpos de vencedores e vencidos, n'uma doce fusão, demorada, langorosa; cruzavam-se os pares por todos os lados, cochichando em voz baixinha, muito unidos, n'uma estreita intimidade de bons amigos, sumindo-se por vezes na penumbra discreta das longas galerias envidraçadas, que espirravam umas olencias estonteadoras de heliotropo e magnolias; as prudentes, as pacatas, as que não queriam estafar-se, deixavam-se ficar enterradas no macio edredon dos divans dispersos á roda da sala, e ali entretinham colloquios *serios* com personagens idosos, empavesados na fina brentanha do peitilho lustroso, ridiculos na sua algarravia peri pathetica d'amor e... flato!...

Tudo isto produzia um delicioso murmúrio a que vinha juntar-se a melopéa plangente de um *nocturno* de Schubert; e, como nas «*Orientaes*», parecia onvir se:

«*S'c'ouffer des baisers, se mêler des haleines.*»

Subitamente achei-me em face de uma creatura extremamente formosa e elegantissima na sua esplendida toilette *broché*, que tinha a côr fulva e acobreada das suas madeixas, amontoadas n'um gracioso *chignon*.

Era madame de Montelet, a rainha d'aquella dourado prostíbulo de lascivia!...

Ao meu lado, o Dalville dobrava a espinha dorsal e proferia n'um tom adocicado de cortezania antiga:

«—Minha senhora, permitta-me que lhe apresente o meu amigo Guy de Moissac, um dos mais illustres ornamentos do nosso mundo litterario!

Ella descarregou sobre mim todo o fluido magnetico da sua pupilla negra e aveludada, e esboçando um sorriso indefinivel, o que queria talvez dizer que lhe não desagradava o meu aspecto, estendeu-me a sua mãozinha branca, constellada de pedraria.

«—Seja bemvindo, meu caro senhor de Moissac, disse com amabilidade, e permitta-me a liberdade de desde já o inscrever na lista dos nossos amigos certos.

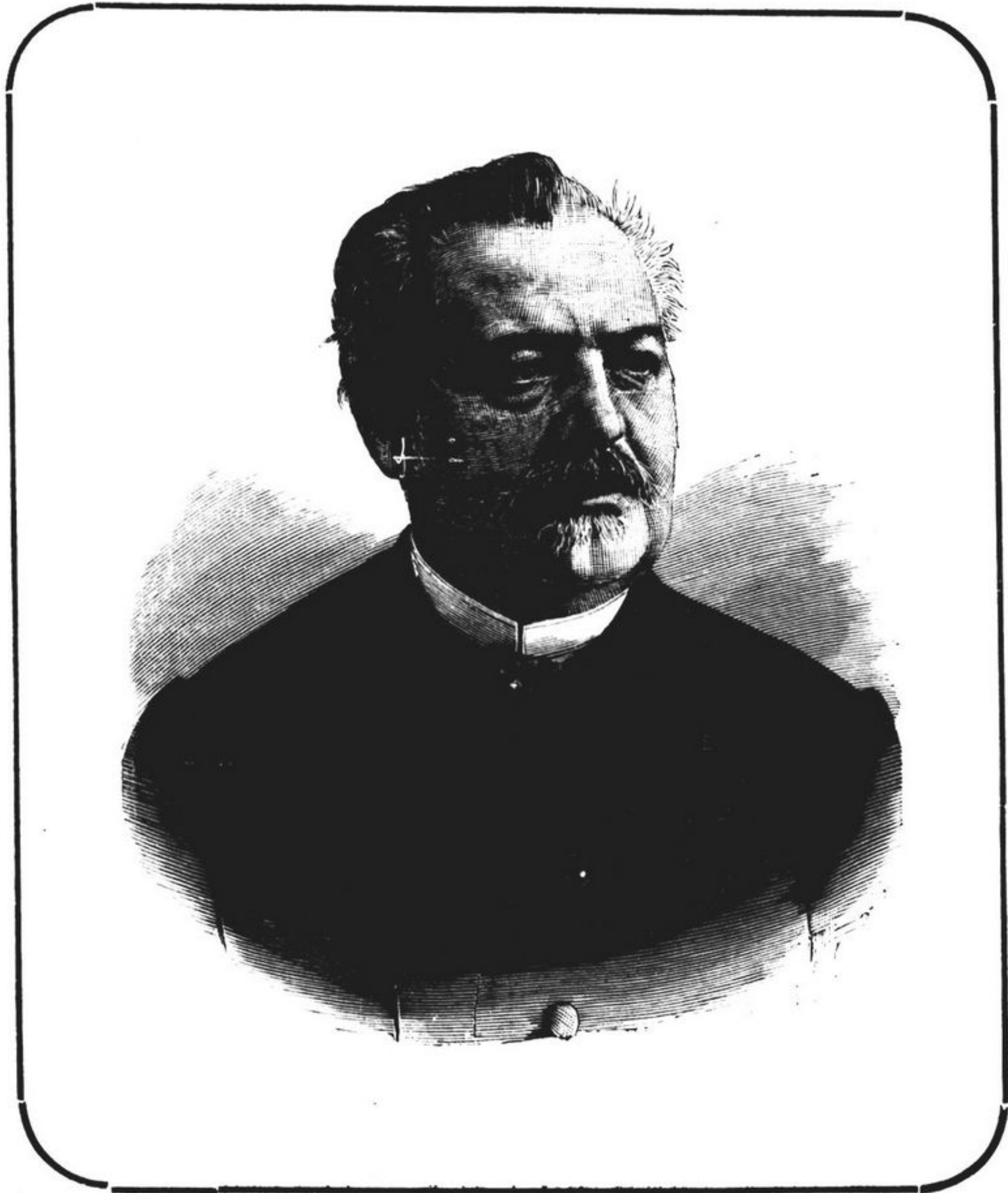
Inclinei-me baluciando umas inintelligiveis palavras de agradecimento, e madame de Montelet, a quem não escapou o meu embaraço, affastou-se sorrindo.

A verdade é que eu senti-me confuso, estatico, aturdido!...

Aquella atmospheria pesada e suffocante, saturada de luz e finas essencias, apoderava-se das minhas faculdades, embotando-as e intorpecendo-lhes a liberdade da acção; a vista d'aquellas mulheres palpitanes e facéis, que passavam junto de mim, roçando pelo meu hombro a nudez estonteadora das suas espaduas de alabastro, punha-me fogo nas veias e um vulcão de desejos nos miolos!...

Ah!... Ter a meu lado uma d'aquellas provocadoras creaturas, poder enlaçar a no circulo febril dos meus braços e aturdir-me na ambrosia da sua carne perfumada e morna... Que inebriamento!...

E quando relanceava por toda a sala o meu olhar ardente, olhar ferino do leão que fareja a presa, deparou-se-me uma rapariga que até ali não vira ainda, muito nova e formosissima...



NAPOLEONE VELLANI

Foi uma encantadora visão que me fez scismar!

Contaria quanto muito dezenove annos, e n'aquelle corpinho flexivel e ondulante de contornos ligeiros e puros, n'aquelle fronte de incomparavel expressão burilada em neve e rosas, n'aquelle olhar casto e velado, transparecia toda a immaculada frescura, toda a poesia ideal de uma virgem!

Uma virgem!... Um lyrio impuro n'aquelle pantano!... Mas como podia aquillo ser? Como explicar a presença de tão delicada flôr no meio d'aquelle promiscuidade lethal de dissolutas?!...

Isto mesmo diria um sonhador, um idealista, palpitando alli assumpto para grosse poema, recheado de psychologia e sentimento, mas eu, espirito pervertido e pessimista, imbuido nas theorias estupendamente materialistas do seculo, cortei o nó gordio, nivelando-a pela craveira das demais figurantes e em perfeita compatibilidade logica com o caracter francamente naturalista do quadro!

«—Eis alli uma discipula de *alta* escola, que hade ir longe, porque não lhe faltam encantos, disse eu com os meus botões.

Que bella carreira, quando souber servir-se d'essa arma poderosa—o coquettismo—e lançar no barril do lixo esse importuno perigoso—o coração!

E, eu, que não a perdia de vista, analysava nos seus mais subtis lineamentos, nos seus mais intimos promenores, todos os primores esculpturaes d'aquelle graciosissima plastica, que arrancaria a Praxiteles, se elle podesse surgir do tumulo, um hurrah de admiração!

N'aquelle momento ella occupava o centro de um compacto circulo em que predominava a nota escura das casacas, e fallava com a viva loquacidade de uma pariziense, n'um grande phraseado sonoro em que borbilhava o calão dos *ateliers*, e ria com uma especie de phrenesi infantil, balouçando o corpo n'uns languidos meneios de gatinha sensual!

D'esta vez fiquei atordoadado.

«—Diabol... A pequena é menos *discipula* do que eu julgava!...

E eu, que já então, cedendo aos impulsos de um começo de

fascinação, preparava as minhas baterias para o assedio da praça, que se me figurava de facil rendição, tive a velleidade quixotesca de ir arrancar a dama dos meus enlevos à contemplação pacovia d'aquelle bando de titeres!...

Ella, porém, não deu aso a que semelhante rasgo de cavallaria fosse effectuado porque, abandonando os ouvintes, correu a dizer o que era ao ouvido de Mme. de Montelet, que conversava com uma das suas convidadas.

Mas então o piano, um magnifico Pleyel, fez ouvir as suas notas macias e aveludadas, espalhando-se pelo ambiente os primeiros accordes de uma walsa de Strauss.

Fiquei radiante! Nunca uma walsa veio tanto a propositol...
—Vou convidar-a para dançar... Ella não tira o mau gosto de me responder com uma recusa!... O peor é que ainda não lhe fui apresentado!... Ora adeus! Não estou feito criança a preocupar-me com demasias de etiqueta, um artigo banal que Mme. de Montelet muito galhardamente baniu do seu programma!... Vamos... *audaces fortuna juvat*, minha divisa!

E compondo a phisionomia com um sorriso de effeito, esgueirei-me impavido por entre a multidão, procurando aproximar-me da gentil rapariga, que continuava conversando com as duas senhoras.

Decorridos momentos tinha-a nos braços. Valsámos durante um quarto d'hora n'um rodopiar doido e vertiginoso, acossados por não sei que febre de turbilhão, que nos tornava estaticos, mudos, arquejantes...

Ella, com a fronte molemente reclinada no meu hombro, de modo que os seus cabellos louros e sedosos tocavam os meus labios abracados, deixava-se levar qual folha d'hera impellida por um sópro de vendaval; e eu, apertando-a estreitamente de encontro ao meu peito, percebia-lhe as ondulações vaporosas das formas, sentia-lhe as oscillações descompassadas do coração, sorvia-lhe todo o perfume estonteador e enervante da carne, n'um delirante desejo de ebriedade voluptuosa...

Quando despertei d'aquelle extasis, achei-me, sem saber como, n'um elegante gabinete illuminado por uma lampada de crystal que pendia do tecto.

Era um quarto pequenino, mobilado com um luxo principesco, se bem que adulterado pela nota banal do mundanismo.

Ambiente morno, fluctuante, com um pronunciadissimo cheiro de mulher e de charuto, como nos gabinetes particulares dos restaurants de boulevard.

Ella, o meu irresistivel par, estava ainda a meu lado, sentada no mesmo divan onde sem forças me deixara cair, a fronte pendida sobre o meu hombro, n'aquelle abandono adoravel e langoroso do extenuamento...

A sós...

Depois do spectaculo estonteador a que vinha de assistir, n'aquelle gabinete provocador que se dissera feito para a voluptuosidade, com uma creatura fascinadora, metade candura, metade pervertimento!...

Oh! era mais do que podia toda a prudencia de homem, por mais *gentleman* que elle fosse!...

Então inclinei-me para ella serenamente, e como a furia animal que de mim se apoderara tive-se attingido esse periodo critico em que já não pode haver coerção, passei-lhe ousadamente um braço em volta da cintura, e com os labios quasi unidos ao setim perfumado da epiderme, segredei-lhe ao ouvido um *«amotet»* phenomenal, em que havia conjunctamente as vibrantes palpações de uma meiguice, e as chispas candentes de um carvão accésol...

Ella estremeceu e, pela primeira vez depois que tinhamos entrado n'aquelle gabinete, flectiu em mim os seus olhos, que exprimiam esse adoravel enleio do pudor feminino bruscamente offendido. A principio pallida, tornou-se depois muito corada. E como eu a apertasse cada vez mais effusivamente, soltou-se dos meus braços por um movimento ondulante de todo o corpo e desappareceu veloz, deixando-me abysmado e boquiaberto com o imprevisto d'aquelle scena.

A' sabida scube pelo Dalville que a estranha rapariga era nada menos do que Mademoiselle Eglantine, unica filha da Montelet!...

—Um vivo demonio, aquella delambidinha de dezoito annos!... Se te agradaste d'ella, não te invejo a sorte, por que era a unica *inaccessivell*...

E aqui tens tu como eu, com toda a minha velha experiencia de *blasé*, me deixei ludibriar pela filha de uma cocottel... De Moissac calou-se.

—E nunca mais viste Eglantine? perguntou Fabianno.

—Confesso-te, meu caro, que depois d'aquelle *bluette* amorosa, o meu despeito e o receio do ridiculo affugentaram-me do espirito a icéa de uma nova tentativa, e nunca mais voltei a casa de madame de Montelet.

Um dia, porém, passado muito tempo, encontrei Eglantine em plena rua de Courcelles, Eglantine de carne e osso mas de tal maneira transformada que me custou a reconhecer-a!

Vestida de flanela barata, com uma simplicidade burgueza que lhe ficava maravilhosamente,—chapellino de palha, guarda-chuva na dextra e um volumoso pacote na sinistra, parecia antes

uma *grisette* do *quartir latin*, do que a elegante *danseuse* que fóra meu par n'aquelle walsa vertiginosa que sabes...

—Eglantine!... exclamei eu, não podendo esconder a minha estupefacção. E' pois a senhora que tenho a ventura de tornar a ver...

—Engana-se, senhor. O nome que acaba de proferir, pertencia a alguem que já não existe!...

—Que quer dizer? Perguntei cheio de assombro.

—Que mademoiselle Eglantine é hoje... a senhora Borel.

Não lhe parece exquisito este casamento?...

—Não me compete, minha senhora, a mim, que sou quasi um desconhecido, formular juizos sobre as suas acções; além de que não tendo a honra de conhecer pessoalmente seu marido nem tão pouco as circumstancias em que v. ex^a affectuou esse enlace, arriscar-me-ia talvez a errar.

Julgando porém pelas apparencias e ja que tão directamente me interpellou, permitta-me no entanto a franqueza de lhe dizer que, joven e formosissima como é, poder-se-lhe-ia ter proporcionado um casamento mais auspicioso e que...

—Peço-lhe que não continue, senhor de Moissac. Sabe melhor do que ninguém que nem um só dos admiradores da pobre Eglantine casaria com ella. E ainda mesmo que assim fosse, não era entre a lisonja, e galanteio e a concupiscencia que ella podia encontrar o esposo sonhado nas longas horas de angustia, quando o coração sangrava ermo de affectos e os seus olhos se fixavam afflictos n'aquelle luxo indigno que a deshonra e o vicio para alli trouxera, como eterno escarneo a tudo o que é casto e bom. Por isso, quando a sua alma voou para Etienne Borel, quando comprehendeu que havia alguem n'este mundo que a amava, a sua felicidade foi immensa, indizivel!... Encontrando n'esse amor os elementos de força que até então lhe tinham faltado, pôde encarar com repulivo desdem essa sociedade odiosa no meio da qual fóra condemnada a viver; ironica, zombeteira, motejadora, rindo de tudo e de todos, sabia castigar com a satyra mordente ou com o epigramma incisivo o egoismo devasso d'aquelles que, mirando a lubricidade, lhe fallavam de amor em phrases finamente representadas.

Hoje, como lhe disse, Eglantine não existe porque ninguém pensara em resuscitar esse pallido phantasma na pessoa da sr.^a Borel, uma simples florista que casou com um artista obscuro!

Como producto do nosso matuo trabalho, auferimos os meios de subsistencia; o nosso *ménage* é modesto e humilde, mas nada alli ha que nos envergonhe. E' se completamente feliz quando ao amor vem allar-se a probidade e o trabalho, e eu sei-o hia se...

—Se...

—Se não me acompanhasse a magoa inolvidavel de ter uma mãe que se alguem amou não foi decerto aquella que tem jus ás suas caricias e aos seus desvelos... sua filha!

Trocámos ainda algumas palavras, que fóram as ultimas...

D pois... nunca mais tornei a vê-la.

—Anda, meu velho sceptico; diz-me agora como encaras esta virtude que assim brota, immaculada e radiosa, das impurezas de um charco?!...

—E' admiravel opinou Fabianno, pensativo.

DUARTE CID.

A ALLEMANHA E A BAVIERA

Duas tragedias

A Allemanha é, incontestavelmente, o theatro por excellencia das tragedias inverosimeis, á força de dolorosas.

As sobrehumanas epopeias de Wagner, agitadas de um sopro titanico, desenhadas, como as fantasticas gravuras de Doré, em um fundo apocalypticol, estão sendo fielmente realisadas.

A' pungente tragedia dos Hohenzollern corresponde o dilacerante drama dos Wittelsbach.

Em Berlim, da mesma fórma que em Munich, ouve-se este clamor ancioso, que synthetisa todas as intimas angustias d'esses dois povos, feridos por uma fatalidade inconcebivel: «Qual será amanhã o nosso rei?»

O imperador agonisante conversa pelo telegrapho com o regente, cuja fronte, sulcada de rugas, pende, entristecida, para a tumultuosa noute da demencia, onde se debate seu sobrinho.

Othon e Frederico, collocados na eminencia do throno, seguem o mesmo caminho tragicol; aproxima-os e identifica-os, não a similitude da purpura real, mas a evidencia da mesma catastrophe inevitavel.

SEGREDO

Andante dolce

Introdução

a piacere

VALSA

p 2.ª vez com 8.ª

p 2.ª vez com 8.ª

delicato

pp

com 8.ª

sf

sf

com 8.ª

mf

com 8.ª

rinf. sf

Toco

Sec. Part.

WALSA

Frederico saía Luitpold; o regente responde-lhe no tom solenne dos heroes de Wagner:

«Amigos fomos e amigos seremos. Agora, que fulgura na tua frente pallida o diadema de Barbaroxa, quero repetir-te que a minha afeição por ti é e será sempre inalteravel.»

No limiar d'esses dois palacios, o de Munich e o de Charlottenburgo, véla o vulto silencioso e lugubre do archanjo da morte.

Lá dentro, sob docéis de brocado e sanefas de velludo, chora-se e padece-se, enquanto pelas ruas batidas de sol, as creanças cantam e pedem esmola, e os pobres riem na miseria e são despreocupadamente felizes na desventura.

E' certo, porém, que a mão de Deus pesa inflexivel sobre a Allemanha.

A' mesma hora em que Frederico III se levantou, novo Lazaro, da sepultura, acudindo ao appello de Bismarck e Moltke, e vendo passar atravez da janella do seu quarto de doente o cadaver do pai, o velho colosso tentonico derrubado do seu pedestal, os rugidos de um pobre doido resoavam sinistramente ao longo das despovoadas salas do palacio real de Munich.

Nenhum infortunio excede o d'esse principe de trinta e nove annos, rei da Baviera, conde Palatino do Rheno, Duque de Franconi, ultima encarnação das cavalheirosas tradições germanicas, impregnadas do mysterio da lenda e da poesia do mytho; a sua pavorosa desgraça nivela-o ao ultimo dos seus subditos.

Luitpold é um erudito e um solitario; velho, doente, acabrunhado, a regencia pesa-lhe como um fardo esmagador. A sua alma pungida de funebres presentimentos, retraihe-se na penumbra melancolica em que se extingue toda a sua familia. Apreciando acima de qualquer outra preocupação o placido remanso do seu gabinete de estudioso, Luitpold é a viva antithese de Ricardo III, o possessor da realeza, que foi assentar-se, impassivel, nos degraus de um throno gotejante do sangue de Abel.

Luitpold assiste, atterrado, ao tragico destino de seus sobrinhos, á rapida e progressiva successão de todos esses dramas luctuosos, no meio dos quaes se afunda a sua raça, arrastada pelas garras demoniacas da loucura!

E o que é mais extraordinario ainda, é que o pobre Othon não está completamente doido.

O principe é suave, é inoffensivo, é bello como um Apollo fulminado. D'esse descendente de Lohengrin emana um estranho encanto.

O mecanismo da sua vida não tem nada de commum com a dos outros seres e funciona no limite fatal onde termina a lucidez e onde começa o desvario.

Othon é como que um somnambulo, divagando na inconsciencia do sonho, estranho aos jubilos e ás dores da terra, extraviado na região nebulosa onde o cerebro perde a noção da realidade para embrenhar-se nos interminaveis e escuros labirintos da chimera.

Por vezes, um relampago illumina-o e patenteia-lhe o abysmo no fundo do qual se revolve a sua existencia malograda.

E' então que o infeliz doido cae em angustiosas crises de furor, queixando-se, lamentando-se, insurgindo-se contra a funesta allucinação do seu espirito, que o não deixa empunhar o sceptro, que lhe nega o direito de subir ao throno.

Será elle o unico rei doido, de que a historia regista o nome? Wenceslau, o Nero da Allemanha, não era tambem doido?

E sempre que estas idéas lhe atropelam o cerebro atrophiado, o principe percorre os seus aposentos, chama os guardas, bate com a cabeça pelas paredes e clama que o atraíam, que o expoliam, que abusam da sua enfermidade para arrancar-lhe das mãos as redeas do governo.

Os olhos, desvairados, saem lhe das orbitas, a bocca escumante convulsiona-se-lhe, os cabellos erriçam-se-lhe, o seu aspecto aterra e apavora.

De subito, Othon emmudece e escreve vertiginosamente, assignando sentenças de morte, fantasiando torturas dantescas contra os principes da sua familia, contra os ministros, contra os medicos que o tratam, contra os creados que o servem... Em seguida, cae extenuado, sacudido por uma convulsão epileptica e adormece; cessou a crise; o acordar não reviverá nenhuma das impressões extinctas. O idiotismo salvador, o idiotismo perservativo, inunda-lhe o craneo, fustigado durante algumas horas pela nevrose sanguinaria, como as aguas esverdeadas e pantanosas de um lago estagnado e doentio.

Quando evocamos o passado da familia Wittelsbach, e nos recordamos que a corôa imperial esteve pendente sobre a cabeça do seu chefe, estremecemos.

Ainda não ha vinte e cinco annos que a casa dos Hohenzollern, minada pelo elemento revolucionario, estava collocada entre as tendencias pacificas do seu rei e os arrojados e ambiciosos designios de Bismarck.

A Austria presidia á vasta confederação. Logo em seguida, vinha a Baviera, que dispunha, então de seis milhões de vassallos, armados até aos dentes e cercados do prestigio inherente a grandeza historica do seu nome.

A mãe do imperador da Austria era uma princeza bavara.

Os destinos da Baviera dependiam de uma mulher superior, Frederica Hedwige, filha de Guilherme da Prussia.

A princeza enviuvára, ficando-lhe dois filhos; o mais velho contava dezenove annos, o mais novo tinha dezeseis.

Quem poderia prever, n'essa epoca, o que o futuro reservava á casa real da Prussia?

A rainha da Baviera, intelligente, instruida, ambiciosa, delectava-se, não raro, devançando um secreto ideal; convivendo com duas imperatrizes, suas parentas, a imperatriz Elisa e a imperatriz Sophia, a rainha poetisava nas suas vigílias os vultos, altivamente esbeltos, dos seus dois filhos, sorrindo á idéa de que lhes estava reservado, a elles o reconstruirem um dia, com a sua brilhante juventude, o velho e morto imperio allemão.

D'essa rainha que em tanta maneira aviva a memoria da princeza Clementina, mãe do principe da Bulgaria, o pensamento volta-se naturalmente para a actual imperatriz da Allemanha, subindo a passos lentos a via dolorosa que conduz ao Golgotha, perseguida pelos odios politicos, a que a morte do imperador encanecido e a cubiça do Kronprinz ephobo prestaram um duplo incremento, e dilacerada pela visão tumular do marido agonisante.

Pesados na balança das humanas provações esses dois infortunios incommensuraveis, sente-se que é maior ainda o da Niobe bavara.

O seu bello sonho viril, alimentado nas gloriosas origens da sua raça, consagrado pelo velho predominio da Baviera sobre a dynastia dos Hohenzollern, abysmou-se em um oceano de lagrimas.

O imperio ambicionado caiu nas mãos da familia rival! A rainha guardava no seu piedoso coração de mulher e de mãe um rancor latente: o que lhe inspirava a Prussia protestante e usurpadora, empenhada em destruir e ofuscar a Baviera catholica.

E hoje, o rei da Baviera é o primeiro vassallo da corôa da Prussia!

A desditosa princeza tinha dois filhos que eram o seu enlevo, moços, encantadores, apaixonados e romanescos; o seu orgulho maternal exultava, acreditando que o primogenito, um loiro e rapnalesco adolescente de cabellos de ouro, emoldurando-lhe a cabeça altiva, radiante de intelligencia e mocidade; um soberbo paladino medieval, novo Lohengrin calvagando o seu corcel alado, cingiria um dia o diadema dos Cesares.

Esse filho idolatrado fugiu da vida real para um paiz ethereo, povoado de sombras luminosas, e esse querido penhor das suas ardentes esperanças, trocou as purpuras e as coroas dos reis da terra pela visão longinqua que o chamava e atraia, pela chymera estrellada que o arrebatou nas suas azas dimantinas, que o elevou, extatico, aos intermundios do sonho, que patenteou ante o seu olhar maravilhado todas as deslumbradoras miragens paradisiacas, e que só o largou, quando o deixou cair exanime no seio da morte.

O sobrevivente, novo Hamlet, consome os ultimos lampejos da vida phisica, lutando corpo a corpo contra a loucura que lhe obscurece o cerebro, accendendo por vezes um clarão mais sinistro do que as trevas que o ensombram.

A par d'este quadro medonhamente angustioso, - semelhante a uma d'essas concepções monstruosas que a tragedia antiga evoca ante o nosso olhar assombrado e que só a palheta genial de Miguel Angelo e a musa terrificadora do Dante logram reproduzir em toda a sua complexa e sobrehumana belleza; a par d'essa *ma'er dolorosa*, que poderá dizer ao mundo, como a mãe do Christo: *O' vós que passaes, attendei e vêde se ha ou pode haver dor igual á minha dor*, a sorte de Frederico III afigura-se-nos menos digna de commiseração.

Para os Hohenzollern é um rei que morre; para os Wittelsbach, é a alma que se extingue, e o espirito que se apaga, são as ambições que se subvertem, cahindo desfolhadas aos pés de dois phantasmas, apparentemente vivos, e de uma Niobe lacrimosa que sobrevive aos seus sonhos, — os seus filhos intellectuaes —, aos filhos da sua carne, personificação dos seus sonhos.

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

FELIX PYAT

Foi ha pouco eleito deputado por Marselha, onde tambem eram candidatos o general Boulanger, Edouard Hervé e Henry Fouquier.

Felix Pyat, designado pelos biographos como auctor dramatico e homem politico, nasceu em Vierzon a 4 d'outubro de 1810. O seu nome litterario basea-se n'uma ccollaboração activa em grande numero de jornaes. O seu estylo imaginoso e energico marcou-lhe, logo desde que *debutou* na imprensa, um logar distin-

cto entre os jornalistas francezes. Quanto ás suas producções dramaticas, duas das mais populares são «Les deux Serruriers» e «Le Chiffonnier de Paris», que se representaram em 1841 e 1847 com grande exito.

A carreira litteraria de Felix Pyat cedeu o passo á vida politica, a partir da Revolução de 1848. O celebre jornalista, um dos mais activos representantes da causa revolucionaria, foi proscrito da França, onde voltou mais tarde, em virtude de amnistia.

A 27 de março de 1873, foi condemnado á morte, por contumacia, pelo 3.º conselho de guerra.

NAPOLÉONE VELLANI

Napoleone Vellani é um professor distinctissimo, profundamente versado nos segredos da arte musical, em que foi iniciado desde a mais tenra mocidade por seus paes—uns artistas de raça—João Vellani, e Marietta Albini de Vellani.

Marietta Albini, (procedente de uma rica e distincta familia de Modena, a quem as vicissitudes da politica italiana precipitaram na ruina), cheia de talento, exuberante de vocação artistica, e guiada nos primeiros passos, que deviam leva-la ás culminações da fortuna e da celebridade, pelos maestros Azioli e Tartagnini, mereceu ser nomeada cantora da camara da duqueza reinante, Maria Luiza.

Um dos seus mestres em Pariz foi o glorioso Rossini. O ecco dos seus triumphos artisticos resouu nas cidades de Napoles, Madrid, Milão e Roma. Em homenagem aos seus festejados dotes de artista, Marietta Albini foi nomeada socia honoraria da Academia de Santa Cecilia de Roma, corporação muito ciosa des seus diplomas, que são exclusivamente conferidos ás grandes celebridades artisticas.

João Vellani, pae do nosso biographado, tambem provou os fructos amargos da desgraça, a que o levaram os revezes da nobre causa nacional da independencia da Italia, de que foi na sua mocidade um ardente sectario. Esta circumstancia contribuiu para que a mãe de Napoleone Vellani perseverasse na carreira theatral, unica fonte de recursos para os dois esposos. Abalaram para a America. A distinctissima cantora fez se ouvir nos theatros do Mexico, Havana e New-York, onde nasceu o notavel professor de canto, de quem esboçamos estes leves traços biographicos.

Uma catastrophe financeira—a fallencia de um dos Bancos de New-York onde a notavel cantora depositára a sua fortuna, grangeada a preço de laboriosos e rudes combates na scena lyrica, veiu fulminar os dois esposos no seu regresso á Europa.

Forçoso lhes foi recommencarem uma nova serie de luctas.

A discipula brilhante de Rossini, a festejada artista, familiar com os mais difficeis segredos da arte divina do canto, estava mais que plenamente habilitada para abrir e reger com indisputada superioridade uma escola de canto em Madrid, onde fixára residencia. N'essa escola, onde as mais puras tradições do bello e largo canto italiano foram professadas, formaram se cantoras e cantores consagrados pela reputação universal; entre elles a Volpini e Malvezzi.

Já orphão de seu pae, precocemente fallecido, Napoleone Vellani começou os seus estudos de canto na excellente escola materna. Debil de constituição physica, e com uma saude vacillante, o joven estudioso renunciou ás attrahentes miragens da scena lyrica, que o fascinavam.

Dedicou-se, pois, do coração ao estudo do canto, matriculando-se nos cursos de harmonia e composição no Conservatorio de Pariz, onde conseguiu ser admittido pela alta e generosa protecção da ex-imperatriz Eugenia, que desde Madrid honrara Marietta Albini com uma affectuosa sympathia.

Não satisfeito com os estudos no Conservatorio de Pariz, Napoleone Vellani continuou os de composição em Hespanha, já com D. Pasqual Perez, distincto organista da Sé de Valencia, já sob a direcção de D. Eduardo Ximenes, um consumado vocalista.

Pouco depois, Napoleone Vellani assumia as funcções de sub-professor na escola de sua mãe, auxiliando-a nas suas activas e penosas tarefas.

Foi n'essa escola, e sob os conselhos maternos, que se completou a perfeita educação musical do consciencioso e distinctissimo professor.

Differentes companhias lyricas, apreciadoras do seu relevante merito, o escripturaram como maestro e regente, mas os seus sentimentos de filho extremo obrigaram n'ó a dar de mão áquellas tarefas, que o afastavam de sua mãe, a quem estremeceu sempre, e cuja companhia exclusiva e principalmente ambicionava.

Deixando Madrid em 1869, veio a Lisboa; e quiz a boa sorte de todos quantos se interessam pelas puras tradições do bello canto italiano que o consciencioso professor aqui se fixasse entre nós desde aquella época, confinando-se nas suas funcções de professor talentoso, transmittindo aos seus discipulos de ambos os sexos os preceitos—na apparencia bem simples—mas tão delica-

dos e difficeis na sua applicação, que constituem a superioridade real e viva do professor de canto.

As qualidades moraes de Napoleone Vellani, o seu character honestissimo, o seu nobre desprendimento, a rigidez inquebrantavel da sua consciencia, o esculpulo esmero com que desempenha os seus deveres, realçam com vivo esmalte a valia do seu merito superior e a elevação do seu talento apenas egualado pela sua immensa modestia.

Regina Paccini foi uma gloriosa discipula do nosso maestro.

SEGREDO

A walsa que hoje publicamos é escripta pelo sr. Jeronymo F. de Almeida Cruz e Castro, auctor de varias composições ligeiras e um dos amadores que tomou parte nos concertos promovidos em favor das creches e casas de beneficencia, realizados, ha tempo no salão da Trindade.

A walsa saiu inexacta no ultimo compasso da introducção, acompanhamento, em que falta uma suspensão sobre a pausa n.º 14.º, compasso da 4.ª pauta e no 3.º da 7.ª em que falta um be quadro na clave, visto que são escriptas em dó maior.

Falta tambem indicar na coda que é em tom de fá, conforme o 1.º canto da walsa.

SPURIO CASSIO ACCUSADO PELO PAE PERANTE O SENADO ROMANO

Spurio Cassio foi tres vezes consul em Roma, e a elle se deveu a proposta da primeira lei agraria.

Os patricios e seu proprio pae accusaram n'ó, perante o senado, de aspirar ao poder supremo, o que lhe valeu o ser precipitado da rocha Tarpeia.

A nossa gravura representa o pae de Spurio Cassio accusando o filho diante dos senadores.

Spurio Cassio foi vencedor dos Sabinos, dos Volscos e dos Hernicos, e propoz a estes ultimos um tratado d'alliança muito vantajoso para os romanos.

CASTELLO D'EU

Eu, população de cerca de 4:000 habitantes, está a trinta e tantos kilometros de Dieppe, no departamento do Sena Inferior.

Proximo d'Eu ha um magifico castello, que pertencia ás familias reinantes de França.

Entre outras curiosidades, possui uma bella galéria de quadros historicos.

Teve o titulo de condado até á revolução de 1789.

O primeiro conde d'Eu foi Geoffroi, filho natural de Ricardo I, duque da Normandia.

A revolução eliminou esse condado, que nunca mais foi restabelecido.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

E' ente e com uma ferramenta fórma uma villa—1—1.

E' indispensavel o aroma no Paço—1—2.

Na extremidade nota que é enfeito—2—1.

Esta vogal no baralho é immoreduro—1—2.

Este appellido transmitta este peixe—1—2.

Lisboa.

A. BAPTISTA.

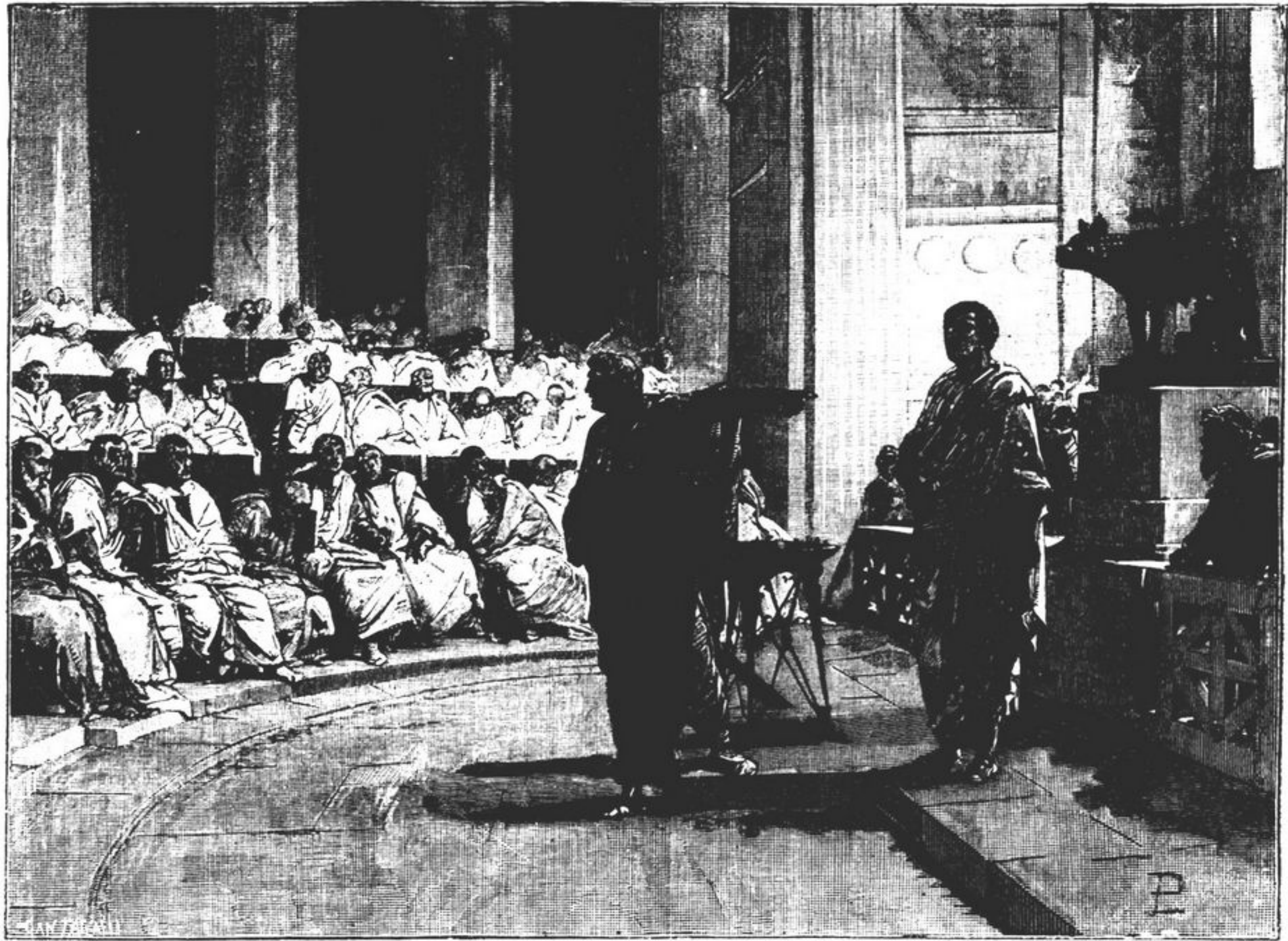
Como arma,
E' usada
Esta prima
Da charada—1

A segunda,
E' vasilha,
Prestimosa
Como a bilha.—2

E' moeda
Da Suecia,
Mas corrente
Lá na Grecia.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.



SPURIO CASSIO ACCUSADO PELO PAE TERANTE O SENADO ROMANO

Decifrações

DAS CHARADAS:—Selene

C h a v e s
H a r e m
A r n o
V e o
E m
S

Cajado—Gagata—Talaca—Patela—Salema—Rodoma—Pacata.

UM CONSELHO POR SEMANA

IMITAÇÃO DO EBANO

Podemos dar à madeira de pinho o aspecto da madeira de ebano, bastando para isso aquecê-la e, quando estiver bem seca, passar sobre ella, duas vezes, uma solução aquosa de extracto de cascas de noz.

Antes de seccar a ultima camada da solução, fricciona-se a madeira com uma boneca de trapo imbebida n'uma outra solução quente, de 10 grammas de bichromato de potassa dissolvido em 50 grammas d'agua a ferver.

Depois, resta apenas polir a madeira, para que se consiga uma bella imitação de ebano.

PALESTRAS THEATRAES

Sob esta epigraphe, vamos emprehender a nossa collaboração, em materia theatral, por convite amabilissimo do muito esclarecido director litterario d'este jornal.

O caracter dos nossos escriptos será um tanto complexo, porque, além de informarmos os leitores do movimento theatral, no que elle houver de mais palpitante e superiormente artistico, consagraremos o espaço de que se possa dispôr para tratarmos certas questões que interessam vivamente ás artes scenicas, sob o ponto de vista didactico como d'organisação da mais formosa de todas as artes na sua parte pratica.

Não basta que o chronista d'arte relate o que produzimos e o como produzimos; é urgente, para que a critica seja efficaz e não meramente um fatil repasto d'espiritos ociosos, que o historiador analysta levante na imprensa o exame de pontos capitaes, pertencentes a uma arte, que, em Portugal, mais se cultiva por curiosidade do que por uma orientação inspirada nas lições dos mestres e baseada nas doutrinas das boas escolas.

Foi sempre este o ponto de vista em que nos collocámos nos nossos estudos de critica theatral, publicados na *Democracia*, no *Commercio de Portugal*, no *Contemporaneo* e no *Curioso Dramatico*.

Nunca pretendemos ensinar actores revestindo os nossos trabalhos do tom pedagogico emproado e impertigado dos sabios de profissão; mas nutrimos constantemente a profunda ambição de divulgar uma grande copia de principios, que ou se ignoram, ou se desprezam por se julgarem banaes, inuteis, e até nocivos. Em resumo—em Portugal houve sempre a pécha de se impôr á critica a exclusiva missão de louvar, para proteger o artista, intimando-se-lhe o silencio, sempre que ella tente, ainda que bem escorada, elucidar, instigar, apontar, cooperar, em summa, com o artista, rasgando-lhe os acanhados horisontes, em que elle se debate penosamente, em parte por fatal determinismo de meio, e em parte por carencia de aspiração para um ideal mais puro do que o geral no mundo da arte.

Se procuram mostrar ao actor o que elle desconhece, insurge-se e faz persuadir os ingenuos que só os de profissão podem saber de cousas, em que elle, artista, vive mergulhado; se o fanatico do engrandecimento da arte lhe faz ver o desinteresse da sua propaganda entusiastica, responde-lhe scepticamente o desalenta do artista... «Para que hei de cançar-me...? Em Portugal não se pode fazer arte... Se o senhor a sabe... isso é uma mania, uma doença, que poucos teem; o publico não quer arte, quer emoções, e por isso os artistas só devem preoccupar-se com esse dispensador de glorias, esse grande juiz de cujas sentenças não ha appellação.»

Esta é, syntheticamente, a linguagem do cultor da arte. Ante ella, se nos curvamos, não é por convencimento, é de magoa, de piedade, por entrevermos um symptoma assustador.

Sabemos que o trabalho d'um só fanatico não gera uma revolução.

Nas paginas da historia de ha muito que por dever de officio o aprendemos.

O fanatico é um ser representativo d'uma corrente vigorosa

d'idéas ou de sentimentos, que precisam, fatalmente, na evolução social, incarnar-se n'uma individualidade. Nunca o fanatico se representou a si mesmo, é um effeito de convergencia, de concentração, para a realização d'um dado phenomeno de qualquer categoria; sem embargo, é indubitavel que o fanatico, o instrumento do proselytismo, arrasta e cria adeptos, faz engrossar a onda do rio da historia da arte e das religiões.

E' por isso que, apesar de havermos já transposto a meta das luminosas illusões e dos santos ardores do propagandista, ainda temos força para bradarmos aos srs. artistas:

—Estudem!

E' evidente que, clamar pela applicação ao estudo da mais complexa e exigente das artes, é rogar-lhes que o façam proveitosamente. Não estudando, como devemos é melhor desistirmos do intento. Ora, francamente, os processos entre nós adoptados no estudo das artes scenicas, são falsos. Já o havemos demonstrado algures e não hesitaremos em novamente o evidenciarmos.

Não aceitamos a refutação de que, no escavar profundissimo d'um trabalho tão individual, permittam nos este tão, não ha regulamentos como as posturas camararias, porque, se nós infringirmos as regras mais rudimentares da architectura, a construcção oscilla e baqueia. Assim o edificio chamado individualisação d'um personagem.

Se em Portugal, de annos a annos, vemos uma verdadeira creação harmonica em todos os elementos constitutivos d'um papel, frequentemente o artista erra porque... simplesmente não soube estudar, e não por falta de talento, visto como em alguns elle abunda, mas irrompe desordenadamente, qual curso d'agua, que canalizado seria um dom da Providencia e entregue ás forças phisicas brutaes origina a ruina e a morte.

Percorramos os jornaes, que em numero crescido invadem as casas dos cidadãos portuguezes, e referem a vida acanhada, modesta, tristonha da arte nacional.

Que paiz tão ditoso! Nunca houve outro que n'este respeito se nos avantajasse! Todas as peças são um encanto! A representação dos personagens, uma belleza! A exploração dos theatros, a melhor possivel! As condições de segurança das casas de espectáculo um primor! Até já se vae censurando a auctoridade por continuar a desaccumulação dos espectadores, reclamada voz em grito por todos os periodicos nos primeiros momentos depois do fogo pavoroso e cruelmente destruidor do Baquet.

Onde está a justiça para os que luctam denhadamente, para os que trabalham intelligentemente, para os que se desempenham elevadamente das suas respectivas missões, se não vemos uma palavra de louvor para esses e a censura justificada, porém envolvida nos termos mais delicados, para quem não attingiu o exigido em relação áquelles tres pontos — peças, — interpretação e condições de segurança? Chamam a este indulgentissimo proceder, caridade, protecção ás artes e ás pobres familias dos actores!

E comtudo, se houvesse a branda advertencia, o conselho paciente e altamente esclarecido dos dirigentes da opinião publica, o nosso theatro poderia com ufania ser um dos primeiros do mundo.

Se a critica estudasse, abancando primeiramente, e consultasse o que ella deve saber para exercer o seu augusto ministerio, e depois semeasse, profusamente, a observação d'envolta com a lição desaffectedada, simples, paternal, sem caracter humilhante, então o artista saberia o que devia estudar e como o havia de fazer. Antes pois de criticarmos, estudemos.

Desjariamos que a visita do critico a um theatro deixasse um rastro luminoso. Que o critico, em vez de conversar em banalidades com o actor, discutisse com elle o seu papel, de forma, que a critica se não fizesse unicamente no periodico, em que sendo tantos os leitores, tão poucos d'estes serão os que comprehendam que ella, em geral, significa apenas a commodidade de boas e cordeas relações entre artistas e escriptores! Quem está por exemplo na provincia, não tem meio de contraprovar os encomios dos jornaes. Vem um dia a Lisboa, e que desapontamento lhe está guardado, para elle, ás vezes sujeito muito illustrado... Os *distinctos*, os *grandes* actores são apenas... o que realmente são, de sorte que já nem mesmo para alegria do actor servem os elogios do amigo jornalista. Os espectadores de Lisboa já não se deixam lograr. Não leem apreciações. Procuram pessoa de bom juizo theatral, apertam muito com ella sobre tudo que respeite á peça nova e aos que a desempenham, e riem-se ironicamente dos louvores entretrecidos nos papeis publicos.

Imaginem, por exemplo, que davamos pleno credito á nossa imprensa, tão christamente prodadora para pessoas e coisas theatraes, quanto facciosa e até igoára com alguns serviços publicos e com os funcionarios, e que acreditavamos nas palavras repassadas de admiração pelas *Medicas* dos laureados escriptores os srs. Fernando Caldeira e Gervasio Lobato; supponhamos que iamos todos para o Gymnasio crentes em que veriamos uma peça de costumes e de caracteres vigorosamente traçados, com a pílueria e o espirito ressaído da vida intensamente desenhada e pintada dos personagens; que, em summa, teriamos que applaudir um estudo assignado por aquelles festejados escriptores theatraes, não soffreriamos a dôr d'uma decepção?

Estes cavalheiros perderiam alguma parcella, minima que fosse do seu renome, se a critica lhes dissesse, clara e francamen-

e, nos j rnaes, o que diz em alta voz por todas as partes em que se falla em theatro, guardando o respeito aos auctores, sem com-tudo se prostrar como um fetichista ante um objecto da sua adora-ção?

Deixámos porventura de manter as melhores relações com os artistas e auctores, e quando estivemos na critica militante não tivemos ens-jo de apontar alguns erros ou defeitos, ba-seando-nos em solidos fundamentos e tratando com a maior cor-tezia o criticado? A fraternisação do artista e do escriptor alimen-ta-se com o respeito consciante do segundo para com a producção do primeiro, e com a confiança d'este no saber tecnico do escri-ptor-critico.

*

Consta que no proximo, junho começa a exploração, por conta do sr. Souza Bastos, do theatro Avenida. E' mister que elle, aproveitando a sua actividade e conhecimento de theatro, organise uma boa companhia, que faça esquecer a pouca prosperidade da empresa anterior. Ignoramos os nomes de todos os artistas escri-pturados; sabemos, porém de alguns, que dão confiança ampla aos que veem no theatro mais do que um passatempo. A verdade é que o theatro é uma exploração mercantil, d'accordo; mas ainda ha muita gente que sabe adoral-o como manifestação brilhante do genio do homem.

*

Finou-se, com grande pezar dos seus admiradores, um ac-tor, dos mais populares, Pereira, que tinha realmente talento e era um trabalhador infatigavel. Santos soube aprecial-o e o pu-blico adorava-o. Deixa no Principe Real um logar vago e é esta a gloria da sua individualidade artistica.

*

Coquelin, deslumbrou nos mais uma vez n'esta recente vi-sita.

Que felicissima alliança do genio e do mais requintado estudo!

ALFREDO OSCAR MAY.

A CEGUINHA

Era extraordinaria de tino e sagacidade a pobre pequena, á qual a terrivel variola havia arrancado a luz dos seus olhos ra-diosos e meigos.

Custara-lhe muito ao principio, a accommodar-se á treva in-fundavel, á noite eterna—ella, que apenas entrava na vida! Mas os carinhos dos seus, a sua pouca idade—dez annos!—a sua boa indole facilmente conformavel, deram-lhe coragem.

Como todas as pessoas cegas, a impossibilidade manifesta de se entregar aos divertimentos proprios da sua idade, produzia-lhe essa gravidade precoce, essa singular concentração de espi-rito que desenvolve e firma o caracter. Era uma mulher no corpo de uma creança.

Tinha como todos os cegos, a pallidez doentia e a face angu-losa, o andar cauteloso e tímido, o ouvido subtil, o sorriso triste, a voz baixa.

Conhecia maravilhosamente tudo, pelo som e pelo tacto. Lia no fundo do coração de qualquer, só pela entoação das palavras. Ninguem como ella conhecia melhor o mundo que a rodeava, á força de escutar e de vér com os olhos da alma. Era por isso, prudente e imparcial. Todos a amavam, embora a achassem um pouco fria, o que attribuiam ao desgosto intimo de não poder gos-sar tanto como as outras raparigas.

E effectivamente, ella parecia estar condemnada a não inspi-rar nenhuma paixão, apesar de ter um coração tão sensível como todas as que campeavam amores. Pelo contrario, amaria ainda mais intensamente o homem a quem desse o seu coração, pelo facto de o suppor, na sua phantasia, mais bello do que todos os homens.

Mas qual seria o rapaz, bastante excentrico, para se enamo-rar de uma cega que, demais a mais, não offerecia plasticamente, nenhuma seducção? Ainda se ella fosse rica! Mas a sua pobreza era terrivel. A mãe, uma miseravel, arrastava uma existencia penosa para sustentar uns poucos de filhos pequenos e todos mais novos do que a irmã. O pae havia fallecido, victima obs-cura do trabalho, despedaçado pela dynamite ao minar uma pe-dreira.

Era em attenção á sua cegueira que algumas pessoas ricas davam á mãe algumas esmolos que a ajudavam a viver.

A ceguinha chamava-se Maria, mas os irmãos chamavam lhe mãesinha, tal era o carinho com que os tratava emquanto a mãe andava por fóra moirejando.

Correu assim para ella a existencia placida, durante alguns

annos, sentindo amarem-se em volta de si as raparigas e os man-cebos, alegres e descuidosos, para os quaes a vida parecia uma festa perpetua de que elles entoavam o hymno d'amor.

Supplicio inenarravel, em que nem havia o desafogo do orgu-lho ferido, como desculpa á vaidade innata da mulher; por isso que ninguem era culpado d'ella estar fóra da lei commum da belleza, ornamento imprescindivel da mocidade.

Quando se achava em frente de rapazes, sentia pesar sobre si olhares de compaixão, nunca d'amor. E o seu sorriso amargo ainda era mais triste; a sua voz chorava. Fugiam d'ella; acha-vam-n'a funebre. E ella comprehendia tudo, tudo! E a sua cabe-ça, coroada de cabellos louros, inclinava-se-lhe tristemente sobre o peito, com a doce resignação dos martyres.

Um dia, porém, alvoreceu o sol da esperanza na caverna sombria do seu destino.

Fôra como costumava p los campos fóra, respirando o ar embalsamado das flôres, a casa das familias que a beneficia-vam.

Ao approximar-se da estrada, o seu ouvido exercitado senti-tiu vagamente o rumor da lucta; e continuando a avançar, algu-mas blasphemias lhe feriram os ouvidos. Deteve se receiosa, e escutou. Agora ouvia claramente. Alguns homens brigavam. Co-nhecia-se serem rusticos, pelas expressões, e adivinhava-se que o combate era á faca, por não se sentir o ruido secco, caracteris-tico dos varapaus.

De repente, um grande grito sobrelevou os outros, e ella ou-viu distinctamente estas palavras significativas:

—E' fugir, rapazes!

E immediatamente, muitos individuos em tropel, passaram precipitadamente junto d'ella sem a verem, por se ter agachado ao abrigo de uma parede.

Na occasião em que os malvados passaram junto d'ella, ou-viu, com horror, dizer a um:

—Aquelle, está morto e bem morto.

Levantou se, depois de ter notado que se haviam perdido ao longe os passos dos desconhecidos, e caminhou apressada para o logar onde calculava que estaria o cadaver. Effectivamente tropeçou n'elle e abaixando se, começou a explorar o com as mãos.

Com uma intenção rara, conheceu que era um rapaz imberbe dos seus dezeseite a dezenove annos, vigoroso e vestido grossei-ramente como um trabalhador. Estava vivo ainda. Chamou-o, pri-meiro brandamente, depois com anciedade, em voz alta; mas elle não respondeu.

Aonde estaria ferido?

Admirava-se de não ter encontrado o fudo humido de sangue; mas teve o presentimento de que talvez o mancebo, que se acha-va deitado de ventre para o ar, estivesse ferido nas costas; e en-tão, com um tacto finissimo, debruçou-se até ao solo e poz-se a palpar a terra em roda e debaixo do corpo.

A terra estava effectivamente molhada e quente. Levou os dedos humidos aos labios, e o sabor salgado, fel-a conhecer o sangue humano.

Levantou-se como desvairada e correu para a aldeia em ris-co de se despedaçar de encontro a alguma arvore ou pedra. Era um espectáculo estranho o d'aquella rapariga cega com os olhos baços e fixos a revolverem-se pelo terror, no fundo das orbitas, como dois boões d'aço, e correndo com as mãos estendidas para a frente.

Apenas entrou no povoado, alarmou tudo com os seus gritos e expoz com calor o acontecimento. Nunca a tinham visto tão ani-mada. Seguiram-na logo, homens e mulheres. Chegando ao pé do ferido, todos declararam ser desconhecido no sitio e estar mor-to.

—Não importa, levem-no, disse a ceguinha.

—Mas para onde, rapariga? se elle não tem aqui ninguem de familia!

—Seria melhor chamar as auctoridades, disseram muitos.

—Isso seria a sua morte, tornou ella, insistindo.

—Bem morto está elle!

—Não; está vivo!

E a ceguinha precipitando se de joelhos junto do ferido, per-correu-lhe o peito com a sua mão febril e exclamou:

—Está vivo! não o dizia eu! Vamos, conduzam-no por caridade.

—E para onde queres que a gente o conduza?

—Para minha casa! disse ella com extrema resolução.

—Hein? E tu atreves-te a tomar conta do ferido, antes que appareçam as sr. auctoridades?

Ella encolheu os hombros com um soberano desprezo que fe-lizmente não foi percebido, e teimou:

—Primeiro está o acudir ao nosso semelhante, depois a au-ctoridade que faça o seu dever.

—A rapariga falla como um livro! disseram varios maioraes.

E improvisando uma padiola, levaram o ferido para casa da Maria, com grande assombro dos irmãosinhos, que abriam de pas-mo uma bocca até ás orelhas.

A ceguinha fez com que deitassem o ferido em cima da sua propria cama, mas não consentio que o despissem sem que vies-se o medico. E correu á villa a chamar o cirurgião.

O excellentemente homem que conhecia a ceguinha, riu-se muito com a sua exaltada dedicação por um desconhecido, e afagando-a

nas faces, disse-lhe com esse ar na apparencia bonacheirão de velho medico d'aldeia, mas no fundo terrivelmente observador:

—Agora é que é certo encontrares marido.

A ceguinha estremeceu e tornou-se rubra, mas achou mais prudente não responder. E voltu para casa.

Meia hora depois, o velho cirurgião apeava-se da sua burrinha á porta da Maria, e mandava despir o ferido, operação a que ella assistiu, dada a sua qualidade de cega, e arrecadando o fato.

A ferida era gravissima, o rapaz havia perdido muito sangue. Dado o caso de escapar, seria prolongadissima a cura. O medico fez o primeiro curativo, prescreveu o que se devia fazer e saiu.

Nos primeiros oito dias, o ferido esteve mergulhado n'uma modorra cruel, d'onde saia a espaços para cair n'um rapido delirio, abafado pela extrema fraqueza; mas ao fim d'este tempo, ganhou forças e principiou a ter accessos mais violentos. No fim de um mez, recuperou toda a lucidez, mas continuou a sua prodigiosa fraqueza. As primeiras palavras que soltou com nexo, foi para perguntar onde estava.

A ceguinha pegou-lhe nas mãos, que estreitou entre as suas, chorando de alegria por o ver completamente livre de perigo.

E elle, admirado, perguntou-lhe:

—Quem é a menina?

E a sua voz era doce e meiga como a de uma donzella.

A Maria respondeu:

—O cirurgião não quer que falle. Mais tarde saberá onde está.

E principiou desde então uma lucta suprema entre aquelles dois jovens: elle querendo decifrar o enigma de se achar n'aquella casa desconhecida, tratado como amigo, como filho, como irmão; ella, querendo occultar d'elle e de todos, a paixão que principiava a sentir por elle.

Sabia, pelos irmãos e pelas pessoas que rodeavam a cama, qual era a configuração do rapaz, a sua extraordinaria belleza, a côr dos olhos e do cabello, tudo. A voz, essa não precisava do auxilio de ninguem, para se deliciar a ouvi-la; quanto aos sentimentos d'elle, era bastante fina para os descobrir, sem que elle mesmo o percebesse.

Afinal, o cirurgião permittiu que o rapaz se levantasse e dêsse pequenos passeios no campo, apoiado no braço da ceguinha. E assim succedeu.

D'esta convivencia intima, por entre o cheiro acre da terra,

das ervas e das flores silvestres, caminhando sós, encostados um ao outro, devia nascer um sentimento inspirado na doce poesia dos dez i'os annos de cada um.

Elle nunca tinha amado. Engeitado, a vida correra-lhe até ali, atormentada. Era trabalhador, mas bastava olhar-lhe para a frente, para se perceber que a sua origem não vinha da pobre gente atropiada por uma longa herança secular de trabalho e ignorancia. Era uma grande intelligencia inculta, esperando, para se revelar, que um sentimento nobre e generoso a sacudisse do lethargo e da estreiteza do meio. Assim, o reconhecimento, a admiração, o altruismo dos grandes sacrificios desinteressados, haviam echoado na sua alma com uma intensidade e comprehensão, desconhecidas das naturezas essencialmente rudes.

E foi por ter o dom de ver com os olhos da intelligencia o valor moral da ceguinha, que elle passou da admiração a um sentimento mais profundo—o amor.

Ella era joven, tão joven como elle, mas não era nada formosa. Que importava! Ella tinha uma familia, um passado irreprehensivel, um coração de ouro. Elle era só e engeitado e um desprotegido de todos. Tinha, porém, a força do seu braço e da sua intelligencia, que aliás de nada-lhe servia sem um ponto de apoio, dadas as suas circumstancias excepçionaes. Ora o ponto de apoio procurado, achara-o finalmente: era o acaso que lh'o trouxera. Aceitava-o como homem intelligente.

E foi por isso que elle, de intimidade em intimidade, á maneira que se ia restabelecendo e sentindo forte, um dia disse á rapariga:

—Isto deve ter um fim. Não seria mais atilado casarmos?

Ella caiu-lhe aos pés, banhada em lagrimas, e tomando-lhe as mãos, disse n'um tom despedaçador em que havia a angustia suprema do que é irremediavel:

—Mas eu não sou digna de ser tua mulher!

—Porque? interrogou o rapaz surprehendido.

—Porque sou cega!

Elle, commovido, ergueu-a rapido nos braços e exclamou, cobrindo-a de beijos apaixonados:

—Mas tens a luz do teu bom coração, Maria, que te faz ver mais do que todas as outras mulheres.

E casaram.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



CASTELLO D'EU